

## A INFÂNCIA E O BRINCAR: O LUGAR DA LUDICIDADE NA VIDA DAS CRIANÇAS DO CAMPO

*Eliane Dominico<sup>1</sup>*

*Aliandra Cristina Mesomo Lira<sup>2</sup>*

### **Resumo**

A infância é uma etapa muito significativa na vida das crianças, pois nesta fase elas vivenciam experiências que contribuem para sua formação como sujeito. Durante este período, em geral, têm mais oportunidades de desfrutar de momentos de brincadeiras que atuam sobre seu desenvolvimento. Reconhecer a infância e o brincar como importantes na vida das crianças torna-se relevante refletir sobre como está sendo vivida a infância, no que tange às suas brincadeiras, pelas crianças do campo. Assim, o objetivo principal foi compreender a relação das crianças do campo com o brincar, identificando como, quando, com quem e de quê brincam as crianças. Para tanto foram aplicados questionários e feitas entrevistas a crianças do campo do município de Mato Rico/PR, sendo a faixa etária das crianças entrevistadas de 06 a 11 anos. Como etapa de suma importância na constituição e formação dos sujeitos, a infância vivida por meio das brincadeiras promove socialização e apropriação de conhecimentos, concorrendo para um desenvolvimento mais sadio e que respeita as crianças em suas necessidades e direitos. As crianças do campo, embora envolvidas nas tarefas diárias com seus familiares, brincam e em geral as brincadeiras acontecem em áreas externas.

**Palavras-chave:** Infância. Brincadeiras. Crianças do campo.

## THE CHILDHOOD AND THE PLAY: THE PLACE OF PLAYFULNESS IN CHILDREN'S LIVES FROM THE FIELD

### **Abstract**

Childhood is a very significant step in the lives of children as they experience this stage experiences that contribute to their formation as a subject . During this period, in general, have more opportunities to enjoy moments of banter that influence its development . By recognizing childhood and playing as important in children's lives is relevant to reflect on how it is being lived childhood , with respect to their playing, the children of the field . Thus , the main objective was to understand the relationship of children of the field with the playing, identifying how , when, with whom and what do the children play .. For both questionnaires were made and interviews with children in the countryside of the city of Mato Rico / PR , with an age range of the children interviewed 06-11 years. As a paramount importance in the constitution and formation of the subjects step, childhood lived by jokes promotes socialization and appropriation of knowledge, contributing to a healthier development and respect the children in their needs and rights. Children of the field, though shrouded in daily tasks with your family , play and generally the games take place outdoors.

**Keywords:** Childhood. Playing activities. Children of countryside.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela faculdade Guairacá (2010). Especialista em Educação do Campo, pela Universidade Estadual Centro- Oeste do Paraná- UNICENTRO-PR. Contato: nane\_dominico@hotmail.com

<sup>2</sup> Dra. em Educação pela Universidade de São Paulo (2009). Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, em Guarapuava, Paraná, atuando na graduação e no Mestrado em Educação. Contato aliandralira@yahoo.com.br

## **Introdução**

A infância é um período de descobertas, realizações, desenvolvimento da imaginação e criatividade. Nesta fase, a criança vivencia importantes momentos, adquirindo conhecimentos e experiências que a constituirão como sujeito. Sendo um momento tão importante na formação das crianças, cabe a pais e educadores o encaminhamento de vivências que sejam adequadas e possam contribuir para o desenvolvimento integral das crianças.

A criança é um ser curioso, ativo, cheio de energias, com disposição e interesse pelas coisas do mundo. Na infância, o brincar, para ela, é uma das atividades mais prazerosas e enriquecedoras. É por meio do brincar que a criança pode aperfeiçoar seus conhecimentos prévios e agregar novos. A realização das brincadeiras contribui para que as crianças possam desenvolver suas habilidades psicomotoras, afetivas, cognitivas e sociais.

Esta pesquisa traz reflexões acerca da importância do brincar na infância, focando seu olhar nas brincadeiras vividas por crianças do campo. O objetivo principal foi compreender a relação das crianças do campo com o brincar, identificando como, quando, com quem e de quê brincam as crianças. Para tanto, foram aplicados questionários a crianças que vivem no campo, sendo estas abordadas em uma instituição de ensino do município de Mato Rico/PR.

Neste texto, em um primeiro momento descrevemos sobre a infância e sua relação com a sociedade e a cultura, buscando caracterizar e compreender aspectos relacionados à infância no campo. Considerando que o foco da pesquisa é o brincar das crianças do campo, e em um segundo momento refletimos sobre o brincar e seu papel no desenvolvimento das crianças. Posteriormente, são apresentadas ponderações a partir dos dados coletados na pesquisa de campo, que expõem as brincadeiras e atividades das crianças do campo, sendo problematizadas as experiências lúdicas dessas crianças.

### **A infância das crianças do campo**

A concepção de infância passou por várias mudanças que, com o decorrer dos anos foram alterando a forma de representação da criança. No século XII, a infância era praticamente desconhecida, não havendo evidências das particularidades das crianças com relação aos adultos.

As crianças conviviam na sociedade sem um olhar de importância para com elas e passavam, desde muito cedo, a unir-se aos costumes dos adultos. Até antes do século XVII era o tamanho das crianças que as diferenciava dos adultos, sendo as mesmas definidas como homenzinhos de tamanho reduzido. Segundo Ariès (1981, p 18), “[...] no mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existia crianças caracterizadas por uma expressão particular”.

O termo “infante” assinalava que a criança não tinha voz no mundo dos adultos, não falava corretamente, seus dentes ainda não haviam sido plantados, sendo referida sempre com palavras negativas e de ausência. Aos poucos, segundo Ariès (1981), as crianças passaram a ocupar outro lugar nas famílias, desenvolvendo-se para com elas sentimentos de apego e afeto.

Ao final do século XVIII, com a Revolução Industrial, a sociedade capitalista passa a ter uma preocupação maior referente à taxa de mortalidade entre as crianças, sendo preciso poupar as crianças da morte, uma vez que as mesmas seriam mão-de-obra futura. Com este intuito, a criança precisava ser cuidada e ter uma preparação escolar para atender às exigências do mercado de trabalho. Bujes (2003, p. 45), ressalta que “[...] neste marco, novas obrigações governamentais e sociais passam a se impor, especialmente aquela de produzir/inventar seres humanos ajustados a esses novos tempos”.

Assim, a concepção de infância muda no contexto social e histórico, estando diretamente ligada com as intenções e desejos da sociedade que estava se concretizando e consolidando. Kramer (2007, p. 15) discorre sobre a infância e sua constituição histórica:

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância.

De acordo com Faria (1997, p. 9) “[...] a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo dos tempos, conforme as determinações das relações de produção vigentes em cada época”. Assim, é necessário reconhecer e compreender os diferentes contextos sociais e culturais e as significações deles derivadas.

A despeito dos direitos garantidos legalmente, que incluem a saúde, a alimentação, o apoio familiar que lhe proporcione condições de crescer e ser feliz, a educação, dentre outros, reconhecemos que cotidianamente as crianças são vítimas de violações, que incluem inclusive maus tratos físicos. Assim, entre os direitos no papel e a vida real há uma distância bastante grande para muitas crianças.

Com relação às crianças do campo, que também, muitas vezes, não conseguem ter acesso a alguns desses direitos, sabe-se que acordam muito cedo, passam horas dentro de transportes escolares para ir à escola, sendo que, muitas vezes, a estrada não se encontra em boas condições, impedindo que, em dias chuvosos, a criança possa frequentar a escola.

As crianças do campo, no que se refere às vagas, são as que têm o acesso mais dificultado. Estudos mostram que, quando ofertada, a vaga geralmente é distante de suas residências, fazendo com que elas passem longo período dependendo do transporte “intra” ou “extracampo” que, como muitos estudos apontam, realiza-se em condições bastante precárias, colocando às vezes a segurança das crianças em risco. (SILVA, SILVA e PASUCH, 2012, p. 87).

Além disso, a maioria delas precisa ajudar seus pais nas atividades cotidianas, sendo estas atividades foco de investigações que buscam compreender o quanto isso pode ser entendido como aprendizado e quando pode ser reconhecido como trabalho infantil. Cecílio (2002, p.168) nos aponta que “O Brasil não tem conseguido, apesar do esforço conjunto da sociedade, eliminar o trabalho precoce, nem mesmo o de caráter penoso, como entendemos ser o realizado na zona rural”.

A jornada de trabalho não tem um horário fixo, o que em geral alonga as tarefas noite adentro, não permitindo que pais ou responsáveis convivam com seus filhos, os acompanhem nas tarefas escolares, enfim, compartilhem momentos juntos.

Para a maioria das crianças do campo outra dificuldade está no acesso às informações por meio da tecnologia, sendo que poucas têm computador em casa e internet, sendo também limitado o acesso ao laboratório de informática nas escolas. Algumas também não possuem televisão, rádio e nem mesmo energia elétrica, ou seja, mesmo as crianças do campo são diferentes umas das outras.

Silva, Silva e Pasuch (2012, p. 88) assinalam que “Em vários estabelecimentos do campo, geralmente falta bibliotecas, parques infantis, sala de computação, banheiros e a água nem sempre vem das melhores fontes”.

A despeito deste olhar que identifica ausências na vida da criança do campo, vale registrar que ela dispõe de maior liberdade para circular, menor controle do tempo e possibilidade, por exemplo, de brincar em espaços mais amplos, perto da natureza. Segundo Silva, Silva e Pasuch (2012, p. 120.) “[...] o campo, muitas vezes é caracterizado pelo calor, pela claridade do sol e pela riqueza de cores da vegetação”. Fatores que são significativos para o desenvolvimento dos pequenos. As autoras ainda evidenciam que a vivência no campo permite à criança adquirir conhecimentos ao explorar os recursos naturais existentes, podendo por meio das cores, formas e tipos de animais e plantas, estar aguçando sua sensibilidade e lançando um olhar mais crítico para aquilo que às vezes parece não ser atrativo. As autoras ressaltam que estes recursos, quando utilizados de maneira coerente “[...] Com sensibilidade e criatividade, são naturalmente mais ricos que aqueles presentes nas instituições urbanas, muitas vezes, caracterizadas pela restrição de espaços e pelo pouco contato com ambientes naturais” (p. 126).

As questões apontadas indicam que precisamos pensar em infâncias diferentes, vividas em locais distintos e, portanto, conhecer como se dão estas vivências e como se caracteriza a infância nos diversos contextos, um desafio bastante grande e enriquecedor.

## **O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS**

O brincar assume um lugar muito significativo na vida das crianças, pois por meio dele, elas agregam valores importantes que contribuem para sua formação e constituem suas formas de ser e estar no mundo.

É por meio da realização das brincadeiras que a criança, desde muito cedo, pode aprender a importância da cooperação, do trabalho em equipe, da organização, da ajuda mútua e do compartilhamento de objetos. Valores estes que acompanharão a criança no decorrer de toda a sua vida e a ajudarão a vivenciar momentos decisivos na infância e na vida adulta.

Segundo Vygotsky (1998) a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas na infância ela passa a ser a linha principal de desenvolvimento. As brincadeiras também oportunizam à criança a vivenciar o lúdico e descobrir a si mesma, tornando-se capaz de desenvolver suas potencialidades.

Com a realização das brincadeiras de faz de conta, por exemplo, a criança exercita sua imaginação, narra pequenas histórias, assume diferentes papéis. Segundo Machado (2003, p. 26):

Faz-de-conta surge quando a criança está apta a simbolizar: dizendo algo de outra maneira, “fazendo poesia”. Do mesmo modo que os sonhos, as brincadeiras também servem à auto revelação bem como, à comunicação com níveis mais profundos, inconscientes, arquetípicos.

Vygotsky (1998) ressalta que a criança necessita de muito esforço para poder exibir um comportamento que não é seu, e assumir diferentes papéis em situações diferenciadas, onde passa a comportar-se como mãe, herói, médico. Estas ações fazem com que a criança passe a exercitar sua imaginação e criatividade ao se colocar no lugar de outro, assumindo outras identidades.

A partir dos estudos de Vygotsky (1998) compreendemos que a brincadeira de faz-de-conta oportuniza criar uma zona de desenvolvimento proximal<sup>1</sup>, pois a criança passa a olhar um determinado objeto de acordo com o significado que a ele atribuiu, e não mais com ele é em si. E neste sentido a brincadeira passa a ter um grande valor, pela sua capacidade de transformação e atribuição de novos significados.

Como o foco da pesquisa são crianças do Ensino fundamental, não podemos deixar de ressaltar sobre o brincar na idade escolar. Cordazzo e Vieira (2008) mencionam que o ingresso das crianças a escola acaba gerando preocupações por parte dos professores e pais com os estudos, e os desejos e motivações apresentadas pelas crianças são em alguns momentos desprezados, incluindo-se o brincar. Porém, o brincar tem, durante toda a infância, fundamental importância no desenvolvimento da criança. Se vivenciado durante as aulas, oportuniza à criança o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao ensino formal, como a estratégia de cálculo, a concentração, o aperfeiçoamento da linguagem e o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Contudo, as práticas vivenciadas tanto na educação infantil quanto nos primeiros anos do ensino fundamental indicam uma marginalização do brincar, sendo relegado a mero passatempo quando acontece.

Como ressaltam Carvalho e Pedrosa (2003, p. 124):

A pré-escola típica importa o modelo da escola, voltada para o desenvolvimento cognitivo por meio de atividades programadas e estruturadas. Entretanto, em sua raiz grega, escola significa lazer, tempo

---

<sup>1</sup> Vygotsky (1998, p.98) definiu a zona de desenvolvimento proximal (ZPD) como “A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros mais capazes.”

livre. Até as décadas de 1950, 1960, em nosso meio a criança ia para a escola, já transformada em algo bem diferente de lazer ou tempo livre, mas tinha fora dela, o tempo livre para brincar com seus irmãos e vizinhos na rua, onde ocorria uma interação social viva e significativa, um espaço de elaboração de seu conhecimento e de suas relações.

Compreende-se, pois, que o brincar oportuniza na infância momentos lúdicos, de interação, desenvolvimento do potencial criativo. É no momento da concretização de atividades que a criança passa a descobrir-se a si mesma, aprendendo a separar a fantasia da realidade.

A energia e a disposição das crianças para as brincadeiras são praticamente inerentes à infância, embora muitas crianças não vivam as experiências do brincar de forma suficiente ou satisfatória.

Algumas com condição financeira mais estável dividem seu tempo com atividades como balé, música, ginástica, existindo uma agenda sobrecarregada e cheia de compromissos a serem cumpridos. Moyles (2006, p. 45) nos confirma isso quando ressalta:

[...] eu concluo que elas têm pouco tempo para o movimento e o brincar livre, pois precisam frequentar as aulas de balé, de ginástica ou música. Essas atividades não são prerrogativas apenas das crianças de classe média em países industrializados como Japão, a Alemanha e os Estados Unidos, em países como China, crianças bem pequenas também são fortemente incentivadas a frequentar essas atividades extracurriculares.

Outro aspecto importante é que, muitas crianças são obrigadas a trabalhar para poder auxiliar no sustento da casa. Quanto às crianças do campo, em geral precisam ir para as lavouras ajudar seus pais, tirar leite, dar comida aos animais. Sendo assim, não têm muita liberdade de escolha e nem muito tempo para poderem brincar. Nestes momentos que se dedicam a ajudar aos pais, os pequenos não brincam com crianças de sua idade e não partilham experiências lúdicas que seriam importantes para sua formação pessoal.

Essas situações ferem alguns dos direitos das crianças, entre eles, o tempo destinado à realização de brincadeiras.

O direito da criança ao brincar foi universalmente aceito na Declaração das Nações Unidas dos Direitos da Criança em 1959 (seção 7) e reiterado em 20 de novembro de 1990, quando as Nações Unidas adotaram a Convenção dos Direitos da Criança. O artigo 31 afirmou que: Os estados reconhecem o direito da criança de descansar e ter lazer, de brincar e realizar atividades recreacionais apropriadas à sua idade e de participar livremente da vida cultural e das artes (MOYLES, 2006, p. 30-31).

O Estatuto da Criança e do Adolescente também assegura este direito, ao abordar no Artigo 16 que o direito à liberdade compreende o brincar, praticar esporte e divertir-se.

O brincar e as práticas concretizadas pelas crianças do campo se diferem das experiências vividas pelas crianças das cidades. Silva, Silva e Pasuch (2012, p. 77) apontam que:

As crianças das áreas rurais estão submetidas às mediações materiais e simbólicas que também incidem sobre as crianças das cidades, assim como delas se diferenciam, particularmente em relação aos grandes centros urbanos, por viverem também mediações próprias de seus grupos sociais.

No campo as crianças podem brincar mais livremente, sem algumas das preocupações que as crianças das cidades vivenciam, como o fato das residências serem muradas para poderem viver com um pouco mais de segurança.

## **CONTEXTUALIZANDO A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS DO CAMPO COM O BRINCAR**

Com o intuito de analisar a relação das crianças do campo com o brincar e verificar como elas se apropriam das brincadeiras em seu tempo livre foi realizada uma coleta de dados com crianças do campo. Participaram da pesquisa 72 crianças do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Mato Rico/PR, com faixa etária entre 06 e 11 anos, que responderam a um questionário com perguntas abertas e fechadas, com as crianças menores de faixa etária de seis e sete anos, foram realizadas conversas englobando as perguntas, uma vez que elas ainda encontram-se em fase de aquisição do código escrito.

Das 72 crianças entrevistadas, 37 eram meninas e 35 meninos. Quanto as idades, participaram 06 crianças com 06 anos, 05 com 07 anos, 17 com 08 anos, 24 com 09 anos, 16 com 10 anos e 04 crianças com 11 anos. Elas frequentavam do primeiro ao quarto ano escolar. A pesquisa foi realizada com todas as crianças destas turmas da escola.

A população do município do Mato Rico de acordo com o censo 2010 é de 3820 pessoas, sendo que 961 residem na área urbana e 2861 fazem parte da área rural. Quando o município de Mato Rico ainda fazia parte da comarca de Pitanga (até início do ano de 1991), existiam algumas escolas rurais situadas em comunidades para poder atender as necessidades educacionais das crianças. Em janeiro de 1991, quando Mato Rico torna-se então município, os professores e crianças que residiam nestas comunidades passaram a frequentar a Escola Princesa Isabel, sendo então atendidos pelo transporte escolar.

A escola Princesa Isabel, frequentada pelas crianças participantes da pesquisa atende, no ano 2013, 280 alunos. A justificativa para a escolha da escola como locus da coleta de dados deve-se ao fato que ela atende 180 alunos que residem na área rural e utilizam de transporte escolar para frequentar a escola. Ou seja, mais da metade das crianças da instituição caracterizam-se como sendo do campo. Portanto a escola participante da pesquisa é considerada do campo, pois de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (art. 1º inciso II, 2010) “escola do campo é aquela situada em

área rural, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”

No que diz respeito ao questionário, iniciamos perguntando a profissão dos pais, a fim de saber se as crianças passam tempo de seu dia com adultos/familiares ou se permanecem sozinhas em casa. Esta informação foi importante, pois consideramos que a presença de um adulto pode influenciar nas brincadeiras e atividades realizadas pelas crianças. Segundo Machado (2001, p.34) “[...] para que a brincadeira seja levada adiante, a criança precisa de atenção e disponibilidade de um adulto”.

Das 72 crianças que responderam ao questionário, 63 responderam que os pais trabalham, sendo que as ocupações citadas foram de agricultores, vendedores de leite, eletricitistas, enfermeiro e cozinheiro, dentre outras. Algumas crianças não mencionaram a profissão, o que pode ser atribuído ao fato de não morarem com seus pais.

Quanto a profissão das mães, 50 crianças responderam que a mãe trabalha em casa, 22 relataram que suas mães desenvolvem atividades fora do lar, sendo as profissões citadas pelas crianças doméstica, vendedora de roupas e acessórios, educadora infantil, secretária, agricultora e cuidadora de idoso. Com os resultados obtidos observamos que grande parte das mães permanece parte do seu tempo junto aos filhos, podendo quiçá, observar e até mesmo participar de suas atividades.

Perguntamos para as crianças se eles brincavam na escola, e em quais momentos estas atividades eram desenvolvidas. As mesmas relataram que brincam durante o recreio, antes e após o término das aulas, que sempre se reúnem para este momento de interação. As brincadeiras citadas por eles foram: mãe fruta<sup>2</sup>, amarelinha, esconde-esconde, brincadeiras com corda e bola. Alguns relataram que eles mesmos confeccionam seus brinquedos, como por exemplo, a bola feita com meias.

As crianças do primeiro ano citaram que gostam muito da escola e sempre têm um espaço durante a aula para brincar entre eles e com sua professora. Gostam de brincar, principalmente com um brinquedo que os mesmos denominam vai e vem, confeccionado pela professora, que é feito com barbantes, pedaços de garrafas pet, durex e tesoura.

Perguntamos também o que as crianças mais gostavam de fazer na escola. 52 crianças responderam que gostam de brincar, 06 que gostam de estudar matemática, 10 têm preferência por leitura e escrita e 04 gostam de desenhar. O grande número de crianças que mencionou gostar de brincar assinala para a importância de que a escola, para esta faixa etária, inclua o brincar em sua proposta, seja na organização dos espaços, na oferta de materiais lúdicos, bem como na proposição de práticas e momentos de ludicidade. Borba (2006, p. 43) reafirma isso quando fala que:

É importante demarcar que o eixo principal em torno do qual o brincar deve ser incorporado em nossas práticas é o seu significado como experiência de cultura. Isso exige garantia de tempos e espaços crianças e

---

<sup>2</sup> A brincadeira inicia primeiramente formando uma roda de crianças, seguindo formam-se pares, ficando uma de frente para a outra e cantando: pé de chulé troca de pé. Neste momento da música uma criança coloca o pé direito e a outra o esquerdo, a dupla que não corresponder aos comandos da música de forma correta, torna-se o pegador, dando início à brincadeira. Todas as crianças começam a correr, quando o pegador grita: mãe fruta, todos precisam abaixar-se imediatamente e falar o nome de uma fruta, aquele que for pego sem falar o nome da fruta e sem abaixar-se rapidamente torna-se o pegador e assim sucessivamente.

os adolescentes criem e desenvolvam suas brincadeiras, e não apenas em locais e horários destinados pela escola a essas atividades (como os pátios e parques para recreação), mas também nos espaços das salas de aula, por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos.

Ao perguntarmos sobre o lugar que as crianças mais gostam de brincar e de que brinquem observamos que os espaços que existem no campo são muito favoráveis para que as crianças possam sentir-se livres para correr, pular. 16 das crianças entrevistadas preferem brincar na escola e as demais têm preferência por brincar em casa, sendo que 11 brincam no interior de suas residências e 45 fazem opção por atividades externas, como bola, bicicleta, nadar, brincar nos balanços construídos em árvores e empinar pipas.

Nicolau (1986, p.176) menciona sobre a relevância que têm essas atividades na vida das crianças:

As brincadeiras e jogos no pátio possibilitam o contato das crianças com a areia, com a água, com brinquedos coletivos, industrializados ou não. Uma corda amarrada a um galho resistente de árvore é algo altamente sedutor para as crianças [...]

O fato das crianças viverem em espaços mais abertos e amplos no campo colabora para que possam explorar melhor sua imaginação e criatividade, seu desenvolvimento motor, pois estes espaços convidam à realização de brincadeiras que envolvem maior movimentação corporal.

Foi possível notar que existem diferenças entre as crianças entrevistadas em relação à vivência da infância no meio urbano tal qual a conhecemos. No campo há maior possibilidade de brincar ao ar livre, ao passo que nas cidades, os espaços foram se tornando restritos, raramente se brinca na rua, embora isso ainda aconteça em cidades de pequeno porte como Mato Rico.

O brincar, portanto é fundamental, é por meio dele que a criança desenvolve sua criatividade e imaginação, aprende a dividir, a aceitar regras de convivência e a socializar-se. Vygotsky (2007, p. 134) ressalta que na brincadeira “[...] a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade”.

Esse momento de brincadeiras compartilhado entre as crianças rurais ocorre bastante no âmbito familiar e com crianças de seu parentesco. 30 crianças relataram que brincam em casa com os irmãos, 26 brincam com os primos, 07 com os amigos e apenas 09 brincam sozinhas. O contato familiar permite que a criança não esteja sozinha, convivendo proximamente com irmãos, primos, avós e tios. As crianças relataram, em sua maioria, conviverem com irmãos, sendo que apenas 10 disseram serem filhas únicas. Esta conformação familiar colabora para que o brincar seja menos solitário e mais em pares.

Constatamos que a vivência do brincar estende-se também ao adulto, uma vez que 58 crianças relataram que os pais participam de suas brincadeiras. Segundo Moyles (2006, p. 46) “[...] quando os pais têm atitudes positivas em relação ao brincar, as crianças tendem a apresentar altos níveis de brincar imaginativo e criativo”.

Perguntamos às crianças quais eram seus brinquedos preferidos e 34 mencionaram a bicicleta, 28 têm preferência por bolas, 06 por bonecas e 04 por carrinhos.

É fundamental perceber que as crianças utilizam de brinquedos em seu brincar, pois o mesmo é o suporte para a realização das brincadeiras, sendo uma das ferramentas mais importantes na infância. Nicolau (1994, p. 78), ressalta esta importância:

O brinquedo é a essência da infância; é o veículo do crescimento; é um meio extremamente natural que possibilita à criança explorar o mundo, tanto quanto o do adulto, possibilitando-lhe descobrir-se e entender-se, conhecer os seus sentimentos, as suas ideias e a sua forma.

A autora ainda ressalta que:

O brinquedo facilita a apreensão da realidade e é muito mais um processo que um produto. Não é o fim de uma atividade ou resultado de uma experiência. É, ao mesmo tempo, a atividade e a experiência, envolvendo a participação total do indivíduo. Exige movimentação física, envolvimento emocional, além do desafio mental que provoca [...] (NICOLAU, 1994, p. 77).

Quando perguntadas onde geralmente brincam 18 crianças disseram que brincam na rua e 54 brincam nos sítios onde residem, sendo as brincadeiras mais citadas por este último grupo andar de bicicleta, mãe fruta e bola.

Também perguntamos se as crianças brincavam em casa todos os dias e, 54 crianças afirmaram que sim. 18 crianças responderam que não brincam todos os dias, pois às vezes precisam ajudar seus pais nos trabalhos diários da casa.

Ainda buscando compreender quais as principais atividades das crianças, perguntamos o que faziam em seu tempo livre. Disseram que nadam, visitam seus amigos, vão à igreja com seus pais e todas afirmaram que brincam.

Foi possível observar com a realização da pesquisa, que as respostas das crianças não mudaram de acordo com sua faixa etária, sendo indicadas como comuns as mesmas brincadeiras e também o gosto por atividades ao ar livre.

Os dados aqui apresentados foram importantes para compreendermos como o brincar faz parte da vida das crianças e é tido por elas como algo importante e, geralmente, prazeroso. De uma forma ou de outra, a maioria das crianças participantes da pesquisa brinca. Um ponto positivo, uma vez que, por meio das atividades lúdicas a criança constrói laços, apropria-se do mundo e das coisas à sua volta. É claro que, para realmente conhecer e compreender como se dá o brincar seria necessário observar situações de brincadeira, contudo as falas e a escrita das crianças trouxeram elementos importantes que denotam a importância da brincadeira na infância.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a realização desse estudo foi possível perceber que o conceito de infância veio modificando-se ao longo da história e dos tempos. Sendo assim, a criança também mudou de acordo com a época e com a sociedade em que ela estava inserida. Da mesma forma, a infância vivida pelas crianças dos centros urbanos diferencia-se em vários aspectos

daquela vivida pelas crianças do campo. Em ambos os grupos, contudo, é possível afirmar que, o brincar faz parte das experiências infantis.

Ao partirmos do pressuposto de que as crianças aprendem muito por meio das experiências vivenciadas, entendemos que, o brincar assume um papel importante no desenvolvimento dos pequenos. No decorrer desse trabalho, foram elencados significativos resultados que evidenciam como o brincar pode proporcionar momentos de aprendizagem, diversão e prazer à criança.

Um ponto positivo é que as crianças entrevistadas desfrutaram de momentos lúdicos e apenas uma minoria respondeu que precisa dividir seu tempo com atividades domésticas. Mesmo com essa participação das crianças nos afazeres familiares, elas mencionaram que sentem prazer nas brincadeiras desenvolvidas com amigos, colegas e parentes, principalmente aquelas que acontecem ao ar livre, aspecto este que diferencia as ocupações lúdicas das crianças do campo com as crianças da cidade. A maior liberdade quanto aos espaços e tempos possibilita que se envolvam em atividades que no contexto urbano tornam-se inviáveis e até impossíveis de concretizarem-se. Percebe-se também que são bastante presentes os laços com vizinhos e com crianças da família, ou seja, mesmo sendo filhos únicos as crianças encontram parceiros para o brincar, o que o torna mais atraente e convidativo.

Assim, reiteramos, como já o fizeram outros pesquisadores, que identificamos que o brincar do meio urbano se difere do brincar do meio rural. As crianças do campo podem brincar mais livremente, usufruindo melhor dos espaços abertos, estando em contato com a natureza, convivendo mais em pares ao brincar com irmãos, primos e vizinhos. Este brincar em parceria oportuniza que os laços de amizade entre as crianças aumentem e com isso possam desenvolver melhor a comunicação, a interação e o respeito para com o outro.

Com relação à escola, foi possível perceber que os alunos gostam da instituição que estudam, que a mesma oportuniza no seu currículo momentos de brincadeiras livres e dirigidas. Isso confirma por meio das conversas realizadas com as crianças do primeiro ano, que afirmaram que sua professora tem o hábito de confeccionar brinquedos e utilizar os mesmos com seus alunos. Vale ressaltar, contudo, que algumas crianças mencionaram que a obrigatoriedade em realizar tarefas de escrita e registro no papel diminui, muitas vezes, o tempo dedicado às brincadeiras na escola.

Quando brincam, grande parte das crianças entrevistadas faz opção por atividades externas, como andar de bicicleta, empinar pipas, nadar, brincar nos balanços construídos em árvores. Assim, podemos ressaltar que, o campo é favorável a estas brincadeiras, sendo que a vivência lúdica nestes espaços abertos oportuniza à criança momentos de diversão, convívio com outras crianças, desenvolvendo-a em todos os aspectos.

Identificamos, com a pesquisa, que as brincadeiras realizadas pelas crianças ocorrem bastante no âmbito da família, uma vez que um número significativo de crianças afirmou brincar em casa com os irmãos e primos, favorecendo a integração da família e permitindo aos pequenos que o seu brincar seja coletivo.

Ao observar as profissões dos pais, observamos como ponto importante que apesar do trabalho do campo ser penoso e, muitas vezes, não ter um horário fixo, os pais trabalham mais perto de suas residências, fato que permite que eles estejam mais próximos de seus filhos, podendo observar o brincar e até mesmo compartilhar momentos de brincadeiras com eles.

A realização deste trabalho foi significativa para compreendermos a relação da criança do campo com o brincar e como as mesmas se apropriam das brincadeiras. Como etapa de suma importância na constituição e formação dos indivíduos, a infância vivida por meio das brincadeiras que promovem socialização e apropriação de conhecimentos concorre para um desenvolvimento mais sadio e que respeita as crianças em suas necessidades e direitos.

## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981
- BORBA, Ângela M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8.069/90, Brasília, 1990
- BUJES, Maria Edelweiss. *Abrindo a Pedagogia a outros olhares*. Disponível em: <<http://www.books.google.com/books?isbn=8575281046>>. Acesso em: 15 abr. 2013
- CARVALHO, Ana Maria Almeida, PEDROSA, Maria Isabel. *Viajando pelo Brasil que brinca: brincadeiras de todos os tempos*, v. 2. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003
- CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte, VIEIRA, Mauro Luís. *Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar*. v. 21. n. 3. 2008
- CECÍLIO, Maria Aparecida. *A criança Rural*. Departamento de Teoria e Prática da Educação. v. 24. n. 1. Universidade Estadual de Maringá, 2002
- FARIA, Sonimar C. de. *História e política da educação infantil*. Educação Infantil em curso. Rio de Janeiro: Ravel, 1997
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_pou\\_lacao\\_parana.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_pou_lacao_parana.pdf)>. Acesso em: 20 Jan. 2013
- KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007
- MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo sucata e a criança: a importância do brincar, atividades e materiais*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2003
- MOYLES, Janet R. *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais*. Porto Alegre: Artmed, 2006

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *A Educação Pré-Escolar: Fundamentos e Didáticas*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1988

SILVA, Ana Paula Soares; PASUCH, Jaqueline; SILVA Juliana Bezzon. *Educação Infantil do campo*. Docência em formação. 1 ed. São Paulo: Cortez 2012

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

\_\_\_\_\_ *A formação social da mente*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007